

Clausewitz e a Guerra Popular

RAYMOND ARON

Tradução da Revue de Défense Nationale
pelo Ten Cel CARLOS FERNANDO

Carl Von Clausewitz é tido, mui justamente, como o mais célebre dos escritores militares e o único, que qualquer pessoa de mediana cultura não tem o direito de ignorar o nome ou duas a três de suas sentenças.

Glória póstuma que parece reparar as injustiças que esse oficial prussiano sofreu como culpado, aos olhos de seu rei, de se haver colocado ao serviço do Tzar para combater Napoleão em 1812. Glória, de fato, onerada de todos os mal-entendidos que o próprio Clausewitz havia pressentido, conforme consta do manuscrito inacabado que legou à sua esposa, Maria Von Brühl, para que ela o publicasse.

Quantos leram "Da Guerra" dentre os que a citaram? Mesmo em alemão, a literatura me pareceu pobre. Que críticos ou comentaristas se darão ao trabalho de acompanhar a argumentação do mais filosófico dos tratados de estratégia? B. H. Lidell Hart escreveu que Clausewitz utilizava uma linguagem filosófica sem possuir um espírito de filósofo. Marx e Lenine o julgaram de forma diversa. Em 7 de janeiro de 1855, Engels, que acabara de ler Clausewitz, escrevia a seu amigo: "modo engraçado de filosofar, porém substancialmente muito bom" — ao que Marx respondeu alguns dias depois: "o gaiato tem um senso comum, e um bom senso que confinam com o gênio". Quanto a Lenine, que estudou a obra-mestra capi-

tulo por capítulo, temos a dizer que transcreveu vários trechos em um caderno, segundo seu método favorito, com anotações à margem. Esse caderno, testemunho de rara perspicácia, assegura a Clausewitz, na União Soviética, um lugar no Panteão entre os pensadores burgueses nos quais o marxismo-leninismo colhe e incrementa idéias.

A carreira de Clausewitz, como a de Maquiavel, está dividida em dois períodos: a ação e a meditação sobre os acontecimentos vividos. Em 1792, ele tomou parte entre os soldados, na campanha do Exército Prusiano contra a França, como porta-bandeira, de doze anos de idade, cujo corpo de criança desaparecia sob as pregas do estandarte. Em 1815, na última batalha de que participou o "Deus da Guerra" — assim o inimigo e admirador se referia a Napoleão — ele aconselhou o retraimento do General Thielmann, comandante do Corpo de Exército Prussiano deixado por Blücher face a Grouchy, antes de Waterloo. Nesse dia perdeu a última chance de alcançar a glória que ele almejava de todo seu ser. Durante dez anos, de 1820 a 1830, comandou em Berlim a Academia Militar mas, suprema ironia, exercia o comando administrativo, sem nenhuma influência no ensino, desconhecido dos alunos que o consideravam um ébrio porque seu nariz vermelho guardou as marcas da campanha da Rússia.

* * *

Da experiência histórica, do revés pessoal, surgiu o pensador, se bem que nunca haja publicado nada pelo menos com seu próprio nome. Clausewitz emprestava a seus escritos o mesmo ardor que demonstrara no combate ou na reforma do Exército Prussiano depois da batalha de Iena e de seu retorno do cativeiro. Em várias oportunidades escreveu que o que ele desejava era uma teoria da guerra, bastante instrutiva para os jovens e para os contemporâneos.

O "Ktêna eis aei" de Tucides, o monumento edificado para sempre, foi também um sonho aí concretizado. Dessa ambição decorre a atitude comum ao historiador grego e ao

estrategista prussiano: o desapego, a recusa a toda emoção aparente, o esforço visando a total objetividade. Ele que, durante os anos de ação, odiava o conquistador e, mais ainda, seus compatriotas que repudiavam sua pátria, ele que em sua profissão de fé de 1809, desenvolvia com patética eloquência os argumentos da razão e as razões do coração para retomar a luta hoje, amanhã, aqui, lá, ele o membro da resistência por excelência, observa as guerras da Revolução e do Império, a derrocada da Prússia, os triunfos, depois a catástrofe final do Imperador, como se se tratasse de uma história muito remota, de um destino que os homens teriam enfrentado sem o compreender e que coubesse ao pesquisador teórico esclarecer a lógica, aí encerrada, tendo em vista a tarefa daqueles que assumiriam no futuro a responsabilidade dos Estados.

Clausewitz, que desde os doze anos de idade até sua morte em 1831 nunca deixou a farda, adquiriu sozinho uma cultura cujo testemunho é a diversidade de seus trabalhos. Prisioneiro em Soissons estudou matemática. Entre seus manuscritos figura um ensaio de estética ao que parece influenciado pela "Crítica do Julgamento". Não me parece, no entanto, que suas leituras ou os cursos de Kisewetter, um divulgador do "Kantismo", hajam determinado o rumo de seu pensamento filosófico. Foi a própria realidade de seu tempo que o obrigou a, pouco a pouco, se alçar não só da tática para a estratégia, mas desta para a política e, ao mesmo tempo para a filosofia da história. Entre as manobras do século XVIII e as batalhas de massas da época revolucionária, subsistiram, apesar de tudo, alguns traços comuns. Em qualquer dos casos se trata da guerra. Que conceito abarca ao mesmo tempo, as guerras, que segundo a palavra do Marechal de Saxe, só um Chefe inapto conduz a batalha como o fazia Napoleão sempre à cata de um engajamento que decidisse de uma vez o resultado da campanha? Que sistema conceitual permite pensar simultaneamente sobre a unidade e as variedades do fenômeno de guerra? Como aprender o conceito sem perder o contato com as singularidades conjunturais que nunca se repetem? Por que as guerras às vezes tomam a forma sutil de um en-

contro de esgrimistas para, em seguida, se desencadearem com a violência das tempestades e a crueldade dos instintos primitivos?

A essas perguntas filosóficas (relação entre o conceito e o concreto) e históricas (relacionadas às sociedades, seus exércitos e suas guerras), o "Tratado se esmera em buscar dar uma resposta e, ao mesmo tempo, funda o primado da política sobre a estratégia, do Chefe de Estado sobre o comandante-chefe dos Exércitos e do objetivo político sobre o militar. O período iniciado com a Revolução francesa continua em germe todas as modalidades dos conflitos políticos, todas as formas de hostilidade, que a Europa se deu ao luxo de passar no decurso do século seguinte. Nada há de espantoso em que a teoria de Clausewitz permita pensar ou resolver sobre os problemas postos aos Chefes de Estado e Militares pelo menos até Hiroshima e Nagasaki e, talvez, além dessa época.

* * *

Da teoria de Clausewitz, a maioria dos leitores reteve apenas a interpretação da estratégia napoleônica. No início do século, os escritores militares, das duas margens do Reno, disputavam, encarniçadamente, cada qual a excelência de sua interpretação. Será que o prussiano compreendera ou não o essencial dessa interpretação?

Em compensação, nem de um nem de outro lado do Reno, eles se haviam dado conta do valor do Cap. 26 do livro VI "Armamento do Povo". A única exceção deve ser creditada a Jaurés. Ora, esse capítulo esboça a guerra de guerrilhas integrada em uma teoria geral da estratégia e representa um elemento muito importante, não marginal, do pensamento de Clausewitz.

Recordemos, a propósito, que, segundo ele, é a participação do povo nos negócios de Estado que constitui a causa decisiva do caráter impiedoso, hiperbólico, das guerras revolu-

cionárias em contraposição às guerras convencionais, conduzidas pelos Gabinetes europeus ante a indiferença popular. A Revolução faz de todos os homens válidos soldados, antes mesmo de fazê-los cidadãos ativos. Mesmo o levante em massa não chega à mobilização total. É preciso que todos, homens, mulheres e crianças, empunhem armas para que a guerra seja realmente a de toda a nação.

Clausewitz, que não meditou somente sobre a derrota final de Napoleão e sobre suas imponentes vitórias, deve ter voltado seu pensamento para a Vendea, Espanha e a Rússia. Entre seus manuscritos existe um sobre a guerra da Espanha, redigido em francês e um outro sobre a guerra da Vendea. Ator, ele preparou com Scharnhorst o aumento de poderio da Landwehr, organização do Landsturn. Ele esperava que os Alemães se levantassem, unânimes e resolutos, contra os franceses; camponeses com suas foices, os operários com suas picaretas e seus instrumentos de trabalho na falta de armamento. A passividade dos alemães o decepcionou profundamente. Pensador, mediu exatamente a contribuição da guerrilha espanhola na derrota do Imperador e esboçou em poucas páginas as regras de emprego dos guerrilheiros.

“A guerra popular (de guerrilhas), como qualquer coisa vaporosa e fluida, não deve se concentrar nunca em um corpo sólido pois, do contrário, o inimigo envia uma força adequada contra esse núcleo e o destrói” Imagem do ar e não, como a de Mao Tse Tung, da água, a idéia permanece a mesma, a da fluidez dos guerrilheiros, dispersos e impossíveis de aferir. As vantagens, de que se beneficiam os guerrilheiros em relação ao exército regular, são expressas de modo marcante pelas seguintes frases “Se se trata de destruir estradas e bloquear desfiladeiros estreitos, os meios que as patrulhas ou colunas volantes podem empregar são, em relação aos que podem ser fornecidos por camponeses revoltados, comparáveis aos movimentos de um autômato em relação a um ser humano... Sendo ainda frações as primeiras ações dos levantes populares, o inimigo enviará poucos destacamentos para combatê-los pois temerá dividir suas forças; é no con-

tacto com esses pequenos destacamentos que o incêndio da guerra se alastrará cada vez mais". Da mesma maneira que Clausewitz que formulou o duplo princípio — defesa estratégica, ofensiva tática — Mao Tse Tung a considera a primeira fase da guerra revolucionária. "Com esse grande meio de defesa estratégica, não se deve nunca ou, melhor, só raramente, empregar a defesa tática. As forças populares — "Landsturn" — devem se dispersar e prosseguir a defesa por meio de ataques inesperados ao invés de se concentrar e se arriscar a ser encurraladas em uma posição defensiva regular".

As regras que Clausewitz formula no que respeita às relações entre guerrilheiros e soldados profissionais guardam também um valor atual. Os russos durante a última guerra, organizaram a ação dos guerrilheiros enquadrados por destacamentos do exército regular e operaram atrás das linhas alemãs.

Porque razão Clausewitz, organizador e teórico da guerra popular, foi esquecido durante tanto tempo? O Estado-Maior prussiano e, mais ainda, o rei desconfiavam desta prática estranha à tradição do Rei-Sargento e de Frederico II. Contra quem, finalmente, iria o povo utilizar as armas? Após 1815, Clausewitz acompanhava amargurado a volta do partido conservador ao poder que, longe de pensar no levantamento das massas, desprezava a Landwehr, as tropas da reserva. Ora, esse filho espiritual de Scharnhorst tinha ainda o orgulho da parte que desempenhara, ele próprio, na organização dessas reservas pois elas tinham demonstrado a mesma coragem e valor do exército ativo nos anos de 1813, 14 e 15. O que se deve temer mais, perguntava ele indignado, a invasão estrangeira ou a revolução? Um governo certo do apoio popular nada tem a temer das armas de seus súditos. Clausewitz, leitor atento de Maquiavel, não concebe uma defesa confiada unicamente aos profissionais, como se a nação pudesse assistir passivamente aos combates que decidem seu destino. "Nenhum Estado deve admitir que sua própria existência dependa de uma única batalha por mais decisiva que ela seja. . . Sempre é tempo para morrer, e da mesma forma

que por um impulso natural o homem que está se afogando se agarra a um fio de palha, é natural que no plano moral um povo utilize até o último meio de salvação quando ele está à beira do abismo”.

Não esqueçamos que Clausewitz só advoga o armar-se o povo como um meio de defesa. Ainda mais, ele durante dois anos professou um curso sobre a “pequena guerra” na Academia Militar de Berlim e tecnicamente, a guerra popular (de guerrilha) é, em sua sistemática, uma modalidade da “Pequena Guerra”, pois é desenvolvida por destacamentos de efetivos de 200 a 300 homens. Para que a guerra popular seja capaz de forçar um invasor a evacuar o país, escreve ele, é preciso considerar espaços tão vastos quanto os da Rússia e uma desproporção extrema entre a força do exército conquistador e as dimensões do território.

Guerra popular, já disse, e não guerra revolucionária. Clausewitz explicitamente não se afasta do quadro da política européia. A pequena guerra, com a cooperação do povo, figura entre os meios de defesa; ela contribui para uma superioridade da defensiva sobre a ofensiva, ela dá uma oportunidade e promete um futuro vitorioso ao país que perdeu sua primeira batalha, ela fixa limites à estratégia napoleônica de aniquilamento, ela exige que entre os combatentes e a nação haja uma confiança recíproca que ampare a vontade comum. Das reformas de Stein, Scharnhorts, Boyen e Gneisenau após a batalha de Iena, tais como a supressão dos castigos corporais, a fim de criar um Exército que, diversamente daquele de Frederico o Grande, fosse composto de cidadãos-soldados ou, pelo menos, de soldados conscientes de sua inteira submissão ao rei e à Pátria. Clausewitz permaneceu muito conservador até o fim de sua vida para temer ou esperar pelo potencial revolucionário do armamento do povo.

O próprio Lenine não descobriu o segredo da guerra revolucionária no “Tratado” que, sem embargo, citou frequentemente nos anos cruciais de 1917 a 1921. Ele interpretou os ensinamentos de Clausewitz voltado para o objetivo ao qual dedicara sua existência.

Esses ensinamentos comportavam uma dupla relação entre o Exército e a política qual seja: o Exército é um meio a serviço da política e a política determina a organização e o modo de combate dos Exércitos. Lenine tira daí a conclusão que do regime interno do Estado depende a natureza das guerras, justas ou injustas, imperialistas ou não; ele reúne em uma só doutrina a teoria da guerra e a da revolução, civil ou externa; a guerra permanece como um meio que o estrategista deve dominar tendo em vista a Revolução Mundial ou a salvação nacional. Stalin, e não Roosevelt, conduziu a guerra de 1939/45 de acordo com os ensinamentos do oficial prussiano.

Foi Mao Tse Tung quem, reencontrando ou retomando as lições da Guerra da Espanha, elaborou a doutrina da guerrilha e do conflito prolongado. A guerra popular torna-se guerra revolucionária, meio de ataque bem como de defesa. Uma vez mais, a lógica da ascensão dos extremos vence as barreiras dos costumes e da moral.

Os profissionais que, na ocasião, se opunham ao desencadear da violência, que desejavam manter a diferença entre civis e militares, não demonstravam mais sabedoria? Lidell Hart defendeu essa tese. O próprio Clausewitz fez tal pergunta sem dar resposta. Aos filósofos cabe julgar se essa forma de guerra ou a própria guerra é ou não salutar para a humanidade. O homem de ação não hesitaria; para a salvação da Pátria mobilizaria todos os patriotas. Resistindo ao sentido que essa palavra teve no século XX ele não hesitou em se unir à facção contra a qual seu rei se julgou na obrigação de enviar um Corpo Prussiano. O mais brilhante de seus colegas de turma na Academia Militar de Berlim morreu, sob a bandeira Russa, de uma bala prussiana.

Clausewitz justifica o armar-se o povo pela eficiência. Quando evocamos uma época de um quarto de século atrás, talvez o argumento moral nos convença tanto quanto o pragmático. De uniforme ou não o homem defende sua alma quando o invasor lhe toma a terra e a liberdade.

Permitam-me concluir com dois juízos que revelam o homem muito além do patriota ardente e do teórico voluntariamente frio. Uma anotação, encontrada entre os papéis de Clausewitz, julga os métodos preconizados pelo terrível Barrere no Comitê de Salvação Pública, para acabar com a contra-revolução da Vendea, diz ele: "métodos poderosos, mas tão cruéis, tão despidos de sensibilidade, tão contrários à humanidade que os da Vendea hauriram, no desespero, novas forças para odiar e combater e obrigaram os republicanos a voltar para a moderação" ... "A crueldade entregue a si mesma faz renascer a guerra sem quartel". O segundo julgamento o tomou de cartas datadas de Paris em 1815. Clausewitz detestara os franceses durante todos os anos do domínio da Prússia. Quando ele regressou à França, vencedor e não mais como prisioneiro, julgou sem indulgência a conduta de seus compatriotas e se opôs a Blücher que queria destruir a ponte de Iena, discutiu, brigou com Gneissenau que propunha a execução de Napoleão. Ele não achava prazer nenhum em ver o espetáculo de um povo esmagado pelo vencedor. Talvez, nesse momento, ele haja compreendido a verdade, freqüentemente ignorada, de que a autoridade suprema cabe ao Chefe de Estado e não aos generais.

No início deste século, um crítico francês, Camon, escreveu que Clausewitz era o mais alemão dos alemães e que sua obra mergulhava de chofre o leitor em um nevoeiro metafísico. A essa afirmação outro crítico de além Reno respondeu mais ou menos assim: "Tanto melhor! Os franceses nunca compreenderão Clausewitz e o segredo de nossa força". Os franceses deste século, seguramente tomaram aos alemães o monopólio do nevoeiro metafísico e de vitória em derrota e de derrota em vitória, talvez os dois povos hajam descoberto juntos outro segredo mais precioso ainda, é o segredo da Paz.